

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E AS CONCEPÇÕES DOS GRADUANDOS DO CURSO DE EXTENSÃO “LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE: UMA PRÁTICA TRANSFORMADORA”*

Sandra Aparecida Pires Franco,
da Universidade Estadual de Londrina (UEL);

Andressa Cristina Molinari,
da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

RESUMO: Neste estudo, investigou-se como alunos de um curso de extensão de uma Universidade pública do norte do Paraná percebem o ato da leitura. Para tal, os dados coletados por meio de um questionário procuraram buscar respostas para três perguntas: o que é ler? Qual a sua importância? Onde a leitura ocorre? Para contribuir para o processo de formação de alunos leitores no âmbito da escola e da Universidade, partimos da concepção de leitura para além de uma decodificação de palavras. Como sujeitos da pesquisa, tivemos seis alunos que participaram do curso de extensão. Apontamos, também, a necessidade de implementação de atividades no âmbito escolar que possibilitem a superação da prática de leitura mecânica e das falhas de interpretação. O tratamento dado ao instrumento foi de cunho interpretativista, por intermédio da indução.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Escrita. Formação de Leitores. Universidade.

INTRODUÇÃO

Não passava de meia dúzia de história de fadas, mas Jo trabalhara pacientemente nelas, pondo todo seu coração na tarefa e esperando produzir alguma coisa que merecesse publicação (ALCOTT, 1978). Diferentemente da jovem Jo, o que se tem percebido é o grande desinteresse de alunos na prática

* Artigo recebido em 08/10/2012 e aprovado em 18/01/2013.

da leitura e da escrita. As opções que esses alunos fazem fora do âmbito escolar refletem a rejeição a ler os grandes clássicos literários, optando muitas vezes por leituras casuais (PETRUCCI, 1999).

Talvez não se tenha refletido sobre o papel que a fragmentação literária que ocorre no ensino médio e a perda de “objetivos pragmáticos formulados, sobretudo, nos manuais didáticos” (BRASIL, 2006, p. 64) têm, em se tratando da formação e continuidade de leitores ativos e críticos, num processo em que a leitura nada mais é que uma obrigação escolar, que deve ser rápida e descartável. Torres (2005) argumenta que grande parte da literatura produzida é reprodução de clássicos curriculares, levando a uma estagnação e aumentando a distância entre o saber da escola e o saber social do aluno. Por isso, é necessário tornar a leitura objeto de reflexão, para que o interesse por ela, em seus mais variados espaços, torne-se um hábito.

Sendo o homem um contador de histórias, ele consegue extrair o sentido do mundo com o que conta, e é a leitura também uma forma de saber, um instrumento capaz de construir significados e espaços de diálogo (CLANDININ; CONNELLY, 1995). Uma vez que o ato de ler antecede o de escrever, sem a leitura não há história a ser contada.

Propomo-nos então, por meio dos resultados de um questionário, expor e comentar: 1) a concepção de leitura; 2) a sua importância; e 3) onde ela acontece para seis alunos participantes do curso de extensão “A leitura e a escrita na Universidade: uma prática transformadora”, resultado de uma pesquisa interinstitucional³ sobre leitura.

A divulgação dessas ideias, bem como a discussão acerca do assunto, tem sido discutida com muita competência por muitos autores e em documentos oficiais; porém, é fato que cabe também a todos os envolvidos na educação proporcionar o desenvolvimento do processo de leitura e escrita como um efeito da reestruturação das práticas de linguagem nas atividades dos alunos.

LER É NECESSÁRIO

É consenso entre alunos, pais e professores que ler é preciso. É opinião também de todos que estamos capacitados a exercitar o ato da leitura, uma vez que somos estimulados socialmente para tal. E, apesar de não se contestar a importância da leitura, muito se fala da sua falta no dia a dia do brasileiro, inclusive daqueles com níveis de escolaridade mais elevados.

Sob esse prisma, portanto, é que fixamos nossas bases, afirmando que, mais do que uma decodificação de palavras, ler é uma ferramenta de construção e reconstrução do mundo (REZENDE, 2009). Ler converte-se em

uma maneira de se chegar às ideias centrais de um texto, fazer inferências, tirar conclusões.

Concordamos ainda com Marin (2001, p. 119), que afirma que “ler é compreender o que lemos, dotar essa operação de re-conhecimento da estrutura de *significance* de uma significação [...] Ler também é, enfim, decifrar, interpretar, visar talvez adivinhar o sentido de um discurso”.

A Revolução Industrial, que teve início no século XVIII, desdobrou-se em uma multiplicidade de possibilidades de expansão do saber. A disseminação dos meios de comunicação, de reprodução social, econômica e cultural levou a um aumento considerável do público leitor, e, para além da palavra escrita, fortaleceu-se também a expressão visual (ZILBERMAN, 1986). Esse processo gradativo de democratização do saber que vem ocorrendo desde então estimula as expressões da cultura massificada, cuja transmissão ocorre por meio dos bens culturais, tais como a música, o teatro, pinturas, entre outros. Compreendida como uma descoberta de mundo, a leitura é imaginação e experiência pessoal.

Certamente presumimos que aquele que lê pouco o faz de forma precária e resiste ao ato da leitura. Acentua-se ainda o fato de que o desejo pela leitura é indispensável para que a capacidade de ler e realizar leituras seja desenvolvida de forma satisfatória.

No âmbito da leitura de mundo, as relações que se estabelecem com o meio, em um primeiro momento desorganizado, dispõem-se em uma leitura do conteúdo ao redor; ou seja, para que o indivíduo racionalize, a leitura de mundo é o primeiro passo. Por esse motivo, a interação do ser humano com a sua realidade não pode ser percebida sem a leitura, pois, como assevera Beisiegel (1982), a leitura é a mediadora entre o ser humano e o seu tempo. Para que ela seja realizável, precisamos de um número grande de conhecimentos acumulados para que haja entendimento, haja vista que, para compreender o que se vê ou ouve, é evidente que utilizamos o conhecimento armazenado. Reestrutura-se, então, o já conhecido com o novo.

A inquietação é o fertilizante, cuja tarefa é instituir os desequilíbrios necessários para formar leitores. Para além da leitura de um poema, de um e-mail, de um livro, lemos quadros, músicas, peças de teatro e até mesmo filmes, pois, mais do que uma página escrita, temos a visão para ultrapassar as fronteiras e descobrir novas maneiras de tatear a leitura. Por essa descrição, confirmamos o que dizem Colomer e Camps (2008, p. 31), que mencionam: “O texto possui um significado e busca-o tanto através da descoberta de indícios visuais como da ativação de uma série de mecanismos mentais que permitem atribuir-lhe um sentido”. A autoridade dada à leitura permite-nos

afirmar que ela é o processo de dar sentido aos sinais gráficos e entender as relações de sentido entre eles.

Conscientes da importância da função social do ato de ler, acreditamos que essa é uma ferramenta de formação e transformação do mundo e que a formação do “ser leitor” é um processo contínuo, que não acaba com o final da vida escolar.

Camargo (s.d.) afirma que é preciso conquistar a leitura do mundo das imagens ao nosso redor, visto que ela nos facilita o entendimento de temas do cotidiano, levando-nos a ser, então, indivíduos mais questionadores e críticos. Da mesma forma, a leitura do som enriquece a compreensão do leitor e do mundo que o cerca. Logo, podemos ressaltar que quanto maior a prática do ato da leitura, melhor será o desempenho nos vários aspectos da vida social e acadêmica; conseqüentemente, com leituras mais aprofundadas, há maior facilidade de ler e de estudar.

Assumindo o pressuposto de que é importante que a criança, desde os primeiros anos de vida, tenha contato com a leitura, ela deve exercitar o hábito de ler e escrever, mediante o ato de contar e inventar histórias, brincar com as letras, os sons, as músicas (GERALDI, 2003). Entendemos que a escola tende a manter os padrões de insucesso na alfabetização, pois “a leitura e a escrita perderam sua função social, ganhando autonomia sob a forma de um conhecimento que serve aos fins internos da instituição escolar: a escola está formando leitores de proveta, redatores de trabalhos escolares” (TORRES, 2005, p. 73).

Assim, apesar de reconhecermos que ler vai muito além de compreender um texto, pois significa interpretar a realidade por meio de habilidades empreendidas, no âmbito escolar há uma contradição entre essa teoria e a prática. O desejo pela compreensão esbarra em práticas que priorizam textos fragmentados, palavras aleatórias e uma leitura em voz alta, na qual a ênfase está mais na pronúncia das palavras do que na unidade de sentido.

Não estamos aqui afirmando que a escola atua como um carrasco, e sim que essa leitura é o resultado “de uma concepção tradicional de leitura [que foi definido] como um modelo de processamento ascendente” (COLOMER; CAMPS, 2008), em que se prioriza a decodificação de unidades linguísticas, para posteriormente atribuir significados às unidades.

Segundo Wittrock (1986, p.127), “ler é um processo que reflete a construção do leitor de novos significados e sentidos da leitura”, pois quanto mais lemos, mais sabemos. No momento da leitura, recordamos, comparamos, trazemos à tona emoções de leituras anteriores. Nela, ampliamos nossos desejos e capacidades de criar significados. Não obstante, lemos para

compreender, ou para começarmos a compreender. Não podemos deixar de ler. "Ler, quase como respirar, é nossa função essencial" (MANGUEL, 1997, p. 20).

Rezende (2009), em uma pesquisa realizada com alunos do curso de Pedagogia, constatou que em muitos momentos os alunos tornam-se mecanicistas, pois exercem uma leitura superficial, uma vez que basta ler para realizar uma tarefa, dissociando-se completamente o processo reflexivo da leitura. Além disso, notou-se que os alunos leem pouco e não possuem fluência na leitura. Em relação a esse aspecto, uma das críticas da autora é a ausência da escola e da Universidade no processo de formação de leitores, que são capazes de ler apenas estaticamente. Como argumenta Zilberman (1986), a escola tem como uma de suas funções ensinar a ler, mas esse papel vem sendo mal realizado, pois promove apenas o "instrumental necessário e automatiza seu uso" (p. 17). Ler corretamente na escola é ler sem erros de pronúncia, os quais podem impedir a compreensão de um texto pelo aluno.

Entendemos, então, que é necessário que o aluno conviva com a leitura significativamente, por meio de textos, em casa, na escola e em outros ambientes que oportunizem a formação de um leitor diligente.

O art. 2 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) dispõe que a educação tem por finalidade desenvolver no educando o exercício da cidadania, em que o aluno deverá se orientar pelos princípios da democracia, da participação e responsabilidade, visando ao desenvolvimento pleno do indivíduo e a qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996). Só o ato de ler permitirá o posicionamento diante da realidade, posicionamento que pode ser valorizado e adquirido no percurso de formação. Portanto, "cabe à escola a formação e o desenvolvimento do hábito da leitura, e seu papel é tão amplo quanto mais restrito for o da família, condicionada a problemas socioeconômicos" (CATTANI; AGUIAR, 1986, p. 24).

Torna-se essencial, porém, que a criança não somente tenha o acesso, mas que também se aproprie desse bem cultural que é a leitura, para que essa aprendizagem possibilite sua emancipação.

Em relação ao aluno de graduação, sabemos que, para que o ato da leitura de texto de vários gêneros, inclusive o acadêmico, ocorra, é indispensável o conhecimento prévio, tanto no âmbito cultural quanto no domínio de vocabulário e conceitos. Essa asserção é confirmada porque, para se reter informações e organizá-las de forma compreensível, elas devem ser significativas para o sujeito. No ato de ler, relembramos trechos já percorridos, repensamos histórias, aguçamos a criatividade, desenvolvemos o lúdico; por isso, o leitor não somente constrói sua identidade cultural, como também se reconstrói no processo de resgate dessas histórias e textos lidos.

No que tange ao texto, essa noção na contemporaneidade se amplia: o que antes era considerado fixo e dado tornou-se “espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original” (BARTHES, 1988, p. 68-69).

Em todos os meios, seja o papel ou não, o texto é o canal essencial que possuímos para realizar o trabalho de mediação de experiências, reflexão e comunicação. Como leitores, atribuímos sentido, participamos da criação e recriação dos textos ao nosso redor. Porém, constantemente vê-se o desrespeito entre o texto e o leitor, pois a prática da interpretação não é realizada, uma vez que esta é imóvel e delegada pelo próprio livro ou pelo professor. É o que Rezende (2009) chama de leitura de terceira mão, na qual não cabe ao aluno o espaço de autonomia para oferecer novas interpretações ao texto. O resultado dessa falta de interação é a extinção da experiência do leitor com o texto.

Corroboramos, por isso, as ideias de Goulemot (2001), para quem ler é muito mais do que encontrar o sentido que o autor pretendeu dar ao texto, ou aquele que o professor espera, mas relacionar-se com o texto, dando sentido àquilo que lhe é particular.

Primeiro, algumas evidências. Ler é dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas sequências. Não é encontrar o sentido desejado pelo autor, o que implicaria que o prazer do texto se origina na coincidência entre o sentido desejado e o sentido percebido, em um tipo de acordo cultural, como algumas vezes se pretendeu, em uma ótica na qual o positivismo e o elitismo não escaparão a ninguém. Ler é, portanto, constituir e não reconstituir um sentido. (GOULEMOT, 2001, p. 108)

Queremos enfatizar, com essa referência, que a questão do sentido do texto é que ele só é construído na interação de leitor e texto, pois quem lê transporta para o texto sua visão de mundo e o percebe através dessas lentes, dando novos sentidos para o que é lido.

Ao considerarmos que a leitura e a escrita são inseparáveis, faz-se urgente repensar o universo da leitura no âmbito escolar. Para além do texto, sabemos que a indústria de livros vem crescendo de forma espantosa nos últimos tempos (SALGADO, 2000; BOLAÑO, 2001; HALLEWELL, 2005). Com esse crescimento desenfreado, surgem alguns problemas que acabam por interferir no âmbito da sala de aula. Um desses problemas é a cultura imediatista e de descarte de livros, que chega à escola por meio dos livros didáticos e que faz movimentar o capital da indústria de livros nacional. Os ensinamentos desses livros, em quase todas as situações, remetem ao ato de ler como um ofício, exercendo uma função contrária à desejada na escola.

Outro fator muito relevante é a evolução tecnológica que vem sendo observada nas últimas décadas, fazendo com que as palavras percam seu posto e passem a concorrer com as imagens, as cores e os sons.

CONCEPÇÕES DE GRADUANDOS ACERCA DA LEITURA

Com base na teoria sociointerpretativa, a presente pesquisa, de cunho interpretativista, tem por finalidade analisar qual a concepção de leitura e onde ela ocorre e se inicia, por meio de um questionário aplicado aos alunos de um curso de graduação em Pedagogia de uma Universidade pública do norte do Paraná. Para tal, os dados coletados com o questionário são advindos de um curso de extensão voltado para os alunos de graduação dos mais variados cursos e vinculado a uma pesquisa acerca da leitura na Universidade.

O curso ocorreu no âmbito da Universidade, durante os seis primeiros meses de 2012. Para a coleta dos dados do questionário, foi solicitado, no primeiro encontro do curso, que os participantes respondessem a três perguntas: 1) Por que é importante o ato de ler?; 2) Onde ele acontece?; 3) Onde se inicia? As respostas foram dadas em sala, com tempo suficiente para a realização da tarefa.

Para entender o significado da leitura e como esses alunos acreditam que ela ocorre, foi necessário realizar o levantamento de temas das respostas. Em seguida, foi preciso comparar as respostas dos alunos, com o intuito de perceber os olhares lançados sobre o tema.

No tocante à importância do ato da leitura, vimos que os temas mais frequentes foram: a necessidade de ler para tornar-se mais crítico, para ser capaz de interpretar ideias e comunicar-se com excelência; estar apto para ler – interpretar o mundo no dia a dia; preparação para a vida profissional; e desenvolvimento de capacidades cognitivas.

Em relação à criticidade, acreditamos que há uma ligação entre a visão de livro como instrumento de emancipação e difusão do saber, por meio do qual nos apropriamos do conhecimento. Deste modo, como argumenta Zilberman (1986 p. 14), “o conhecimento vem a ser concebido como a ponte para a liberdade e para a ação libertadora”.

A leitura nos enriquece, abre caminhos, diversas formas de compreender as coisas. **Nos tornamos mais críticos** depois de nos inteirarmos do assunto. (S1)⁴

A prática da leitura nos faz perceber as coisas com vários olhares. [...] [nos faz] faz nós **desenvolvermos a criticidade**. (S4)

Pensando nessa finalidade, a leitura dá um grande salto, pois sintetiza a função social da alfabetização e do processo de escolarização, porque, para além de entender o que diz o texto, entende-se o contexto social ao redor.

No que diz respeito à leitura com o propósito de interpretar ideias, Colomer e Camps (2002, p. 31) asseveram que “o leitor baseia-se em seus conhecimentos para interpretar o texto, para extrair um significado, e esse novo significado, por sua vez, permite-lhe criar, modificar, elaborar e incorporar novos conhecimentos em seus esquemas mentais”.

Podemos **interpretar ideias** e reescrever aquilo que foi do assunto. (S1)

[Ler é] **saber interpretar o pensamento** ou as palavras de quem escreve. (S3)

A leitura como forma de enxergar, **interpretar o mundo**. (S6)

No que tange à leitura como instrumento de comunicação, os sujeitos afirmaram o seguinte:

Entre outras coisas, possibilita **facilidade pra se comunicar**. (S2)

A leitura é importante **para sabermos nos comunicar uns com os outros**. (S3)

Ao longo das últimas décadas, estudiosos da linguagem passaram a entendê-la como uma prática social humana, que necessita da interação entre os sujeitos. Destacamos que, para que a linguagem exista, há a necessidade de produção e reprodução das expressões do pensamento, ou seja, da comunicação. Portanto, não há como separar a linguagem do sujeito, uma vez que ela está incorporada nas relações humanas.

No que se refere à leitura de mundo, salientamos que a viagem por esses textos, que são escritos, visuais, auditivos, proporcionam novas maneiras de se enxergar as interações entre os pares.

Ler é entender o que está escrito ou desenhado. (S3)

A leitura como forma de **enxergar e interpretar o mundo**. (S6)

Tanto a escola quanto a Universidade priorizam a leitura da palavra escrita em contraponto a outros meios, negligenciando, em muitas ocasiões, a leitura da imagem, do filme, da música, das cores. Como afirma Maroun (2006, p. 5),

a profusão de imagens, nas práticas de escrita, abriu espaço para mudanças do discurso, colocando em evidência a linguagem visual. Hoje em dia, os textos requerem, além de aparato tecnológico, cores variadas e sofisticados recursos visuais. Entram em alta os textos multimodais, ou seja, aqueles que empregam duas ou mais modalidades semióticas em sua composição.

Portanto, o professor precisa usar esses recursos para fazer a mediação do aluno com o texto. Esses elementos, que deixam os órgãos do sentido em alerta, podem e devem auxiliar a construção de sentidos e de elementos que guiem a leitura.

No que concerne à segunda pergunta – Onde a leitura acontece? –, os temas levantados a partir das respostas dos participantes estão relacionados à leitura em casa, na igreja, mas, indispensavelmente, na escola.

Em qualquer lugar a leitura pode se fazer presente. Mas é **na escola** que de fato se torna indispensável para o bom desenvolvimento escolar dos alunos. (S1)

Ela **pode acontecer em qualquer lugar**, na escola, em casa, na igreja, enfim, ela não tem lugar para se manifestar. (S4)

Tomando como ponto de partida que ler é essencial e que leitura é sempre produção de sentido (GOULEMOT, 2001) para a compreensão de determinado texto, a escola, com a tarefa de ensinar a ler, deve conceber a leitura como uma habilidade de interpretar além da palavra escrita, capacidade de decifrar o visual e o verbal, pois, assim como afirma Colomber e Camps (2008), ler é ter escolhido buscar algo; amputada dessa intenção, a leitura não existe. Visto que ler é encontrar a informação que se busca, a leitura é, por natureza, flexível, multiforme e sempre adaptada ao que se busca. Portanto, a intervenção da escola nesse processo é o desafio para o professor, que necessita entender a necessidade de uma prática de leitura voltada para a criação e a recriação de sentidos, muito além da leitura mecanizada de sílabas. Em síntese, o uso de textos fragmentados, palavras soltas, leituras em voz alta não deve ser priorizado na escola, mas sim a leitura multimodalizada, centrada nas leituras de mundo dos sujeitos que dela participam.

Nas respostas para a terceira pergunta, referente ao tempo em que a prática da leitura precisa ser iniciada, encontramos as seguintes respostas:

A leitura pode se iniciar bem antes do nascimento da criança. **Ainda no ventre**, a criança ali gerada, ouve sons. (S1)

O estímulo **desde cedo** da leitura é essencial. (S2)

Todo esse processo deve ser iniciado **desde o primeiro ano de vida**. Tendo o contato direto ou indireto com livros, figuras. (S3)

Precisa se iniciar ainda **muito cedo**. (S5)

De acordo com Silva (1995), entre os 6 anos é que se inicia a aprendizagem mais sistematizada da leitura e da escrita. Isso se dá porque é nessa

idade que a criança passa a realizar ações mais concretas e a entender o mundo que a rodeia. Nesse momento, a escola e o professor têm papel fundamental para apresentar esse mundo novo para a criança, de forma a instigá-la e criar atividades que permeiem a teoria e a prática do ensino de leitura e escrita. Para tal, é fundamental guiar esse novo leitor para uma linguagem que seja representada, além de forma escrita, também pela abstrata, para a integração desse sujeito no meio social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados expostos na pesquisa ressalta o quanto é importante o processo de formação de alunos leitores capazes de interpretar e reconhecer o mundo que os cerca. Com o intuito de perceber as concepções de leitura de alunos de um curso de extensão, o questionário analisado foi capaz de fazer-nos perceber as mudanças na concepção de leitura que vêm ocorrendo.

A leitura de mundo, ou seja, de imagens, textos, música, entre outros, propicia um estreitamento dos laços entre a prática da escrita e o mundo da escola, uma vez que se convoca o leitor a apreender um texto de diversas formas. Para além da formação de alunos que não gostam de ler, a escola precisa compreender que, para existirem sujeitos críticos, capazes de pensar e tomar decisões com autonomia, é preciso interagir com esse aluno das mais variadas formas.

Outro ponto a ser salientado é a ausência de subsídios para a formação de alunos leitores no âmbito da escola e até mesmo na Universidade, onde não há preocupação com o desenvolvimento cognitivo desses estudantes, mediante propostas de mudança. Isso é justificado pelo fato de um aluno ser forçado a seguir as interpretações de outrem, e não a realizar um processo no qual ele próprio teça suas considerações sobre determinado assunto.

Ler, além de implicar a apropriação de um texto, a assimilação de um bem cultural, é fazer desabrochar as memórias das leituras anteriores. Mais, uma leitura não somente realizada pelos olhos, mas pelo corpo.

Por último, o ato da leitura precisa ser valorizado na escola e na Universidade como uma prática social, pois de nada vale formar alunos capazes de decodificar frases e textos, mas incapazes de pensar por si próprios. Espera-se, contudo, que as barreiras que surgem no processo de aprendizagem dos alunos sejam superadas por meio de práticas centradas na leitura de mundo.

THE IMPORTANCE OF READING AND THE PERCEPTIONS OF UNDERGRADUATES ON THE OUTREACH COURSE "READING AND WRITING IN THE UNIVERSITY: A TRANSFORMATIVE PRACTICE"

ABSTRACT: This study analyzed how students on an Outreach course at a public University in northern Paraná perceive the act of reading. To do so, data collected from a questionnaire were used to find answers to three questions: what is reading? What is its importance? Where does it happen? With a view to contribute to the formation of reader students in school and University circles, we started from a conception of reading beyond that of decoding words. The research subjects were six students participating in the Outreach Course. The study also points out the need of implementing activities in the school to help move on from the practice of mechanical reading and failure to interpret. The methodology involved was of an interpretative nature using induction.

KEYWORDS: Reading. Writing. Formation of readers. University.

LA IMPORTANCIA DE LA LECTURA Y LAS CONCEPCIONES DE LOS GRADUANDOS DEL CURSO DE EXTENSIÓN "LECTURA Y ESCRITURA EN LA UNIVERSIDAD: UNA PRÁCTICA TRANSFORMADORA"

RESUMEN: En este estudio, se investigó como alumnos de un curso de extensión de una Universidad pública del norte del estado de Paraná percibieron el acto de la lectura. Para eso, los datos colectados a partir de un cuestionario buscaron respuestas a tres preguntas: ¿Qué es leer? ¿Cuál es su importancia? ¿Dónde esta ocurre? Buscando contribuir con el proceso de formación de alumnos lectores en el ámbito de la escuela y de la universidad, partimos de la concepción de lectura como algo más allá de una decodificación de palabras. Como sujetos de la investigación tuvimos seis alumnos que participaron del curso de extensión. Se apunta también, la necesidad de implementación de actividades en el ámbito escolar que posibiliten la superación de la práctica de lectura mecánica y de las fallas en las interpretaciones. El tratamiento dado al instrumento fue de carácter interpretativista por intermedio de la inducción.

PALABRAS-CLAVES: Lectura. Escritura. Formación de Lectores. Universidad.

NOTAS

1. ALCOTT, Louise May. *Mulherzinhas*. 2 ed. São Paulo: Círculo do livro, 1978. p. 105.
2. Projeto Interinstitucional envolvendo a UEL, a PUC-SP e a Universidade de Aveiro em Portugal, coordenado pela prof. Dra. Lucinea Aparecida de Rezende (2009-2012).
3. A identidade dos sujeitos foi preservada, portanto, os participantes serão identificados por um S e um número correspondente.

REFERÊNCIAS

- ALCOTT, L. M. *Mulherzinhas*. 2 ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1978. p. 105.
- BARTHES, R. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/L3BarthesAutor.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2012.
- BEISIEGEL, C. de R. *Política e educação popular: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil*. São Paulo: Ática, 1982.
- BOLAÑO, C. Indústria cultural, informação e capitalismo. *Revista de Economia Política*. v. 21, n. 3, 2001. São Paulo: Ucies / Pólis, Disponível em: <<http://www.rep.org.br/resenhas/resenhas-83.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Ministério da Educação, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCEN)*. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Básica, 2006.
- CAMARGO, M. A. S. *Alfabetização imagética: uma forma de construção da própria cidadania*. Cruz Alta, RS, s.d. Disponível em: < <http://www.cereja.org.br/pdf/mariaaparecida.pdf>>. Acesso em: 9 ago. 2012.
- CATTANI, M. I.; AGUIAR, V. T. de. Leitura no 1º grau: A proposta dos currículos. In: ZILBERMAN et al. (Org). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 7 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. *Teachers' Professional Knowledge Landscapes*. New York: Teachers' College Press, 1995.
- COLOMER, T.; CAMPS, A. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- GERALDI, J. W. A diferença que identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. In: FREITAS, M. T. et. al. (Org). *Ciências Humanas e pesquisa: Leitura de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003.
- GOULEMOT, G. M. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, R. et al. *Práticas de Leitura*. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: sua história*. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.
- MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARIN, L. Aprendizados. In: CHARTIER, R. et al. *Práticas de Leitura*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- MAROUN, C. R. G. B. A multimodalidade textual no livro didático de português. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Universidade de Brasília, 2006.

Disponível em: <http://bdtd.bce.unb.br/tedesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2000>. Acesso em: 2 ago. 2012.

PETRUCCI, Armando. Ler por ler: um futuro para a leitura. In: CAVALO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. v. 2. São Paulo: Ática, 1999. p. 203-227.

REZENDE, Lucinea Aparecida de. *Leitura e formação de leitores: vivências teórico-práticas*. Londrina: EDUEL, 2009.

SALGADO, Gilberto Barbosa. O leitor, a contemporaneidade e a tecnologia. *Lumina*. Facom/UFJF, v. 3, n. 1, p. 113-132, 2000.

SILVA, Maria Alice S. Souza. *Construindo a leitura e a escrita: Reflexões sobre uma prática alternativa em alfabetização*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1995.

TORRES, Rosa Maria. *Que (e como) é necessário aprender: Necessidades básicas de aprendizagem e conteúdos curriculares*. 7 ed. Campinas, SP: Papirus, 2005.

WITTROCK, M. Student's thought processes. In: WITTROCK, M. (Ed.). *Handbook of research on teaching*. New York: Macmillan, 1986. p. 297.

ZILBERMAN, Regina. A leitura na escola. In: ZILBERMAN et al. (Org). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 7 ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

SANDRA APARECIDA PIRES FRANCO: Graduada em Letras e Pedagogia, Mestre em Educação e Doutora em Letras. Atualmente é professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: sandrafranco@uel.br

ANDRESSA CRISTINA MOLINARI: Graduada em Letras e graduanda em Pedagogia. Aluna de Iniciação Científica. E-mail: dessinha_molinari@hotmail.com
